

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

COM O DE CENSURA VÍSDADO PELA

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andares - Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

OS PRIMEIROS ACTOS RÉGIOS DO RESTAURADOR

(HÁ 298 ANOS)

O movimento emancipador de Portugal foi um acto preciso e inadiável, um acontecimento cheio de grandeza patriótica e de heróica extraordinária.

Foi um facto de significação nacional grandiosa com que um punhado de portugueses decididos, destemidos e corajosos redimiu a Pátria, através de grandes dificuldades, da tirânica afronta de 60 anos. Portugal não podia continuar a viver como um escravo, condenado às farras de um proscrito e submerso em um abismo de ignominias de toda a sorte. Por isso o movimento de 1640 perdurará sempre perante a Humanidade inteira, como a ressurreição de Lázaro, que veio demonstrar-nos a audácia resoluta de que é capaz um povo quando o domina o amor da sua independência, a ânsia da Liberdade.

Era preciso soerguer-se bem alto, perante o conceito das outras nações, do estado pre-agónico em que vivia, emancipando-se do estado humilhado em que os intrusos dominadores o colocaram.

A hora reivindicadora da liberdade era ansiosamente esperada. Por isso, para esse fim, os portugueses não perdiam o menor ensejo. Procuravam a melhor forma para que ela se lhes deparasse quanto antes. Haja em vista as manifestações do ano de 1637 em Évora e Vila Viçosa, denunciadoras do mal-estar geral. O convite dirigido ao infante D. Duarte, irmão do 8.º duque de Bragança, por vários fidalgos, quando veio da Alemanha visitá-lo no paço daquela vila, e parava na quinta do Rodelo, de Francisco Soares, sógo de D. Francisco de Faro, no Montijo (Aldeia Galega), onde lhe ofereceram o trono.

Uma caçada foi o pretexto de que se lançou mão para o dito convite que ele agradeceu, respondendo: *quando se me oferecer ocasião virei donde me encontrar*, evasiva, na verdade, conceituosa e atilada porque nos demonstra não querer tirar os direitos ao futuro rei que seria o seu irmão.

Em 1638, também foi de novo abordado o duque D. João II, em Montijo, onde chegara a cavalo, vindo de Vila Viçosa, para embarcar para Lisboa a fim de ser empossado pela duquesa de Mantua, no alto cargo de Governador de todas as armas do Alentejo para que fôra nomeado pelo rei-luso espanhol com o fim certamente de o lisonjear. Hospedara-se na Quinta da Rota, onde vários fidalgos e nobres se reuniram com o fim de lhe proporcionar a ascensão ao trono. Não é ainda oportuna a ocasião, respondeu-lhe. É melhor esperar. Palavras estas que longe de significarem pusilanidade, antes indicam uma bem justificada prudência. O duque de Bragança, como espírito austero, mas calmo e seguro, não queria jogar a cartada ao acaso. Segundo se afirma, este duque antes de ir para Lisboa foi a Almada, onde tinha um palácio em que o aguardava o judeu Bronal, joalheiro francês, que viera a Portugal a mando do cardeal Rechelieu, falar com o duque pretextando ostensivamente a venda de umas jóias.

Porém, não obstante tudo quanto temos dito, o convite para rei também fôra feito a D. Teodósio II, 7.º duque de Bragança e pai dos dois anteriores convidados, quando viera de Vila Viçosa a Lisboa para assistir às cortes reunidas pelo rei Filipe III, e de que o duque era condestável. Viera a cavalo até o Montijo onde descansou e muitos nobres o cumprimentaram e lhe ofereceram o trono, estando todos hospedados em uma casa de que ainda não foi possível saber-se a situação.

D. Teodósio embarcou depois no seu bergantim dourado sobre pintura verde. Os fidalgos acompanhavam-no em diversos barcos. Aquelle Duque fazia-se acompanhar do seu primogénito D. João II, futuro Restaurador, ainda convalescente de um forte ataque de bexigas que o assinalou para sempre.

Nesta ocasião distribuiu este duque muitas mercês e praticou actos de benevolência, entre eles o perdão do pagamento dos dízimos do pescado às regateiras por ser uma sexta-feira e cujos direitos lhe tinham sido outorgados por D. Manuel I ao 4.º duque D. Jaime, seu bisavô paterno.

Mais tarde, o referido D. João II, quando recentemente aclamado rei, veio para Lisboa tomar posse do trono; acompanhado do marquês de Ferreira, seu compadre, e do conde de Vimioso, ambos emissários dos conjurados que tinham ido a Vila Vi-

çosa comunicar-lhe a aclamação, parou em Montijo. Era a noite de 5 de Dezembro, sendo recebido solenemente na Câmara Municipal, onde recebeu também os cumprimentos oficiais e aí se conservou o novo rei até de manhã conversando, trocando impressões e dispondo a futura organização da governança, escolhendo, nomeando novos fronteiros-mores e assinando os devidos decretos. E desta forma não se utilizou dos aposentos e cama que lhe estavam reservados. Portanto não se deixou. O dia porém amanheceu chuvoso e tempestuoso. D. João IV por isso adiou a viagem para a tarde e foi entretanto ouvir missa à Igreja da Santa Casa da Misericórdia.

Na devida altura, embarcou no seu bergantim dourado, guarnecido de seda vermelha franjada a ouro e ostentando à popa o pavilhão real, dirigido por seis remadores por banda, vestidos de vermelho e antecedido de um barco dos trombetas e outros músicos que faziam uma certa harmonia. Na retaguarda do bergantim seguia vários barcos algum tanto ataviados, com a comitiva régia e muitos outros fidalgos, futuros palacianos.

Eram 9 horas e meia da noite quando o novo rei desembarcou em Lisboa, na porta da Ribeira das Naus, onde era aguardado por uma enorme multidão imensamente entusiasmada. A rainha, D. Luíza de Gusmão, não tendo podido acompanhar o marido por motivo de ser-lhe preciso dispôr de vários assuntos, só saiu de Vila Viçosa nas vésperas do Natal, acompanhada dos seus 2 filhos: D. Teodósio, o primogénito e futuro herdeiro do trono que nunca ocupou porque morreu com 19 anos, sendo seu pai ainda vivo, e D. Catarina que foi rainha de Inglaterra, casada com Carlos 2.º, rei daquela nação.

Porém, apenas ela chegou, logo a Câmara do Montijo comunicou ao rei a boa nova. Embarcando numa falua e os criados em outros barcos chegaram todos ao termo da sua viagem às 2 horas da tarde. Uma grande mole de pebeus e nobres os ovacionaram delirantemente com entusiasmo e júbilo, sendo aguardados pelo novo rei e diversos palacianos.

Assim iniciou o Restaurador a nova governança desta nossa querida Pátria.

P.º Alberto Gonçalves.

Criticas Pequenas

Quem há quarenta e sete anos viu a Foz, a Foz de praia penhascosa e rude, e hoje revê a Foz tam variegada nos seus aformoseamentos de encantar, fica naturalmente a expandir a alma cogitando, surpreendido, no poder do Progresso!

Quem desça a Avenida da Boa Vista e pare junto à genuína foz do Douro, facilmente avista o Colégio Brotero e é tentado a olhar a bela fotografia daquele esperançoso Lente que se chamou Rui de Serpa Pinto e que fundou a Casa que honra o nome do Grande Naturalista.

Visitando o Colégio Brotero, a Direcção gentil oferece o seu Relatório recente, e o visitante aprecia de um fôlego e sôfregamente o quanto pode a energia de Professores dedicados e o acatamento do Moderno Educar.

A técnica problemática dos exames liceais e o entusiasmo pela Mocidade Portuguesa e a multiplicidade dos jogos desportivos e a sempre acesa controversia da co-educação mereceram no apreciado Relatório bem particulares referências e apreciações.

E quando a gente chega ao fim da leitura do mimoso opúsculo, parece sair satisfeito de um banho refrigerante na Foz em pleno Julho.

Formoso Relatório!

G.

Gazetilha Farpas

Abriu-se mais uma escola. E' sempre uma bela esmola que a todos se deve dar, é necessária a instrução, esse divino clarão que os povos há-de guiar.

A todo e qualquer menino depois do pão, é o ensino que lhe deverá ser dado, pois não pode haver ninguém que possua um maior bem, — o espírito educado.

Ensinemos as crianças, afinal, as esperanças do dia que vai surgir, para que assim, os rapazes, se tornem homens capazes de enfrentarem o porvir.

Que o culto da Retidão aliado ao da Razão formem um todo perfeito, por isso, à infância mostremos o respeito que devemos à Justiça e ao Direito.

Que o mestre mostre bem isto, porque a Doutrina de Cristo é uma Lei bem salutar, às crianças ensinaí com o carinho de um pai, ensinai-as a pensar.

Pois só assim poderão não cair numa ilusão e terem sempre acuidade, é preciso que ao menino, logo desde pequenino, se mostre toda a Verdade.

Camara Dão.

Cai a chuva...

Gosto de ti, ó chuva, nos beirados, Dizendo coisas que ninguém entende!

Foi assim que Florbela, a poetisa alentejana, iniciou o seu *Mistério*.

E, finalmente, a chuva cai, a matar a sede de tantos meses de estiagem.

Está resolvido, por agora, o problema das águas. Vai findar, por alguns meses, a tortura da gota de água no cantarinho que vai à fonte.

Bendigamos a chuva que cai, que cai para nosso regalo, para regalo das fontes e para regalo de quem precisa da água.

Depois destes meses, voltaremos ao princípio. E se ao princípio era o verbo... será ainda o verbo *esperar* que se conjugará quando as fontes voltarem, de novo, a fechar-se... para arrelia de todos.

Esta questão da água, esta falta de água e esta passividade de lhe não procurar solução satisfatória é, como dizia a desventurada Florbela:

«coisa» que ninguém entende!

A propósito da inauguração do novo TEATRO

Do nosso querido amigo e ilustre colaborador Sr. Dr. José Pinto Rodrigues recebemos a carta que, a seguir, publicamos:

Guimarães, 28-XI-38

... Sr. Director do

«Notícias de Guimarães»

No último n.º do seu excelente jornal, «Zé d'Aldeia», num muito interessante artigo sobre o Teatro da Empresa Jordão, ao mencionar os esforços feitos, noutros tempos, pela imprensa, no sentido de se realizar uma das mais antigas e ansiadas aspirações dos vimaranenses, lamentavelmente — mas, com certeza, sem propósito — se esqueceu do «Pró-Vimaranês», que tive a honra de dirigir na sua última fase e que durante toda a existência foi exemplo vivo do quanto pode a dedicação e entre-ajuda de um núcleo de boas vontades postas ao serviço dos interesses da Terra.

Esquecer, nisso como no mais, os serviços prestados por aquêle jornal, será ingratitude.

Sei que «Zé d'Aldeia» está isento de tão mofoento pecado, mas tanto êle

Restauração

A data de 1.º de Dezembro é uma das que mais fala à alma e ao coração dos portugueses.

Nela se recorda o feito heróico de 1640 que nos libertou do jugo de Castela e nos reconduziu aos caminhos históricos que o desastre de Alcácer Kibir nos fêz perder.

Não porque consideremos loucura o gesto bem português de D. Sebastião procurando prolongar, para além do Algarve, o nosso poderio e domínio que já alastravam até aos longes da Índia. Mas é que, com a nossa derrota, ficamos à mercê da primeira investida do nosso poderoso visinho. E foi o que aconteceu. Portugal exausto pelas campanhas da África e da Índia, Portugal sangrando da ferida aberta nos areais ardentes de Marrocos, foi vencido. O que não pôde ser conseguido em Aljubarrota, consumou-se depois da morte gloriosa do Desejado.

Há certos pormenores da História que se alteraram lamentavelmente e nos fizeram ter uma opinião errada sobre algumas das figuras notáveis que engrandeceram e imortalizaram Portugal.

D. Sebastião e D. João IV também foram dos atingidos. E no entanto um e outro agiram sempre no sentido de engrandecer e de honrar a Pátria Portuguesa.

Há quem queira ver, por exemplo, na prudência de D. João IV um acto de pusilanidade vencido pela ambição da Duquesa de Bragança. Esquecem êsses que, sem a prudência de D. João, tudo se poderia perder sem remédio e diminuir consideravelmente as possibilidades da Restauração. Bastaria um acto irreflectido, um passo em falso, e a conjura seria denunciada.

Assim, cautelosamente, preparou-se o ambiente e nessa manhã de Dezembro um grito novo ecoou e despertou os portugueses para novos destinos.

Vai-se fazendo a rectificação da História. E com a aproximação das comemorações de 1940 procura-se reabilitar a memória do fundador da Dinastia de Bragança, levantando-se-lhe, em Vila Viçosa, um monumento que ficará a afirmar o reconhecimento de Portugal ao Rei valoroso da nossa Restauração, que Sardenha, Edgar Prestage e Joaquim de Vasconcelos restituíram já às reais proporções da sua envergadura.

São João das Caldas, 1.º de Dezembro - 1938.

X. X.

Dr. João Fernandes de Freitas

(Médico)

Mudou a sua residência e consultório para a rua de Santo António, n.º 131.

como V. ... compreenderão o motivo e razão deste pequeno reparo.

Desnecessário afirmar que, quanto ao expresso pelo referido colaborador do «Notícias» no mencionado artigo, estou absolutamente de acordo.

Rogo a V. ... o obséquio de dar a esta o destino que entender, e subscrevo-me

Com muita estima e elevada consideração

De V. ...

José Pinto Rodrigues.

ITINERARIOS

Do Dr. Américo Durão.

As palavras do velho *Pronóstico* desceram e ecoaram, no coração de Maria Teresa, em funérea plangência. Pois, na verdade da vida, existia o drama do amor, o drama da família, o próprio drama da vida — no amor, sem as encrespações do ciúme ou a desolação do abandono; na família, com outra origem diversa da miséria, que tudo avassala, e da desgraça, que tudo arruína; e, na vida, não movido pelos seus mesmos trabalhos e inescusáveis cansaças? O amor, a casa, a família e a vida do pobre ferreiro — o mau sangue de uma mulher tudo destruiu e assolara. Na sua imaginação, só haviam passado os lances românticos das novelas de *Camilo*, aquelas, sobre cujas páginas, sua Mãe havia chorado enternecidas lágrimas sentimentais — mas, como desvarios, atribuía-os a fantasia do artista, em meio de despertar dando comoção, um maior enobrecimento às inclinações humanas pelo contraste com a pautada monotonia do cotidiano ou pelo dos bem dotados de virtudes com os, mais sujeitos aos achaques do mal e do vicio. Mas, tal página viva, como sangrenta realidade, ali metida e palpitante dentro de uma choupana de aldeia, no rude coração de um homem do povo, atemorizava-a, reveladora e impressionou-a, de sinistra. Ao chegar ao presbitério, entrou no seu quarto e foi ver-se ao espelho: — teriam a inflexível justiça de sentença suprema as imprecações da Igreja contra a mulher amante? e seria ela, a mulher, um ser baixo e indigno, cujas acções, palavras, olhares e movimentos criavam, geravam e espalhavam o pecado? E o espelho devolveu-lhe o olhar de sua Mãe.

Então ajoelhou e resou ante a imagem da Senhora da Esperança, de tam suave e delicado perfil. Depois, toda a tarde, nesse dia, e o outro os desvelou em procurar a Rosária, pelos caminhos, onde, por vezes, a encontrava, inquirindo das pessoas, com quem se cruzava, ou das vizinhas nos casais ou lugares, mais usuais à sua passagem ou frequência, sem, muito embora, aqui ou além, lhe notasse o rasto, conseguir vê-la. E já nervosa ansiedade a inquietava, ao descair da tarde, quando, e como de surpresa, a foi descobrir, ao fundo de um valado, junto à cachoeira efervescente de alta e profunda queda de água. Estremeceu, assustada, e foi mesmo quasi estendendo as mãos em súplica que, de manso e afavelmente, a chamou:

— Rosária ...

A rapariga desenleou os olhos da água, que parecia absorvê-la de enamorada, ergueu-se, sacudiu os cabelos, limpou os olhos turvos — de lágrimas, de sonho, de cólera ou de desespêro? — e sorriu, num magoado sorriso de abandono. A luz violeta do poente como a fechava num quadro — da sólida e harmoniosa escultura, de linhas gregas, da lavradeira minhota, como era mais fina e magra, os contornos adoçavam-se em melhor graça de flexibilidade e donaire; e o

rosto, alongado, talvez pelas torturas do sofrimento, via da luz dos olhos, de clareza fulgente, como de quasi em loucura, e da linha muito fresca e vermelha dos lábios.

— Eu já sei para que me procura, a senhora — disse ela, com simplicidade. Meu pai pode estar descansado. O que trago dentro em mim, há-de morrer dentro em mim. Oh! seria um inferno, um fihc meu, um filho daquele homem! Do homem que teve medo do amor! A menina não sabe... a menina não pode saber... Não foi à falsa-fé, nem desgraça, nem perdida do juízo, nem pouca monta do respeito, nem acaso... Fui eu, fui eu só. Ele quis fugir, deixar-me a tempo... A tempo de evitar isto, a tempo de evitar tudo...

— Rosária... depois, depois conta-me. Venha-se embora comigo. Queria sair daqui. Está-se a fazer tarde.

— Ah! eu acompanho a menina: não me custa nada e é a minha obrigação. Isto não tem importância. Meu pai é que tem lá aquelas ideias. A menina não sabe que lhe chamam o *Pronóstico*? Coitado! Foi um desinfeliz. A minha mãe... não digo mais: é minha mãe... As cabras das minhas irmãs, os judas dos meus irmãos... Pois... Mas, quer a menina saber?, foi assim: (Eh! nem chega a ser uma história). Nós começámos a namorar-nos — ele gostava de mim; e eu, ao princípio, nem se me dava muito. Mas, fui-me prendendo. Aqui não havia quem me quisesse para o bom fim. Toda a gente sabia da nossa vida. Ele também sabia — mas gostava de mim. Gostava, disse-me, andou atrás de mim, fêz-me o namôro que se faz, quando é para casar. Talvez os pais, um tio de quem espera herdar, ou talvez alguma invejosa, outro ramôro antigo, outra que se queira para namorada dele... certo é, um dia, entrou a andar triste. Que tens, que tens? — disse-me — «E se tu és como tua mãe, como tuas irmãs?» E eu, sem me lembrar — quem ama, é doído — que elas já foram como eu, disse-lhe — «Não sou». E tanto fiz que lhe mostrei que não tinha sido ainda de outro, que não era... o que elas hoje são.

— Rosária!

— E depois deixei-o. Fui eu que o deixei. Já lhe tinha amor: quem sabe lá se eu, casada, não viria a ser também?... Deixei-o. Deixei-o para viver só com o meu pai: Não é isso que o meu pai quer? Deixei-o — para não ser de mais ninguém, depois de ter sido só dele. E já nem o conheço, nem mesmo o seu nome digo. A culpa é só minha.

— Rosária!

— Agora: o filho, não! Não. Sinto que há-de morrer dentro em mim. Morre dentro em mim, para se acabar este fardário — a má vida do *Pronóstico*.

(Continua).

Eduardo d'Almeida.

Passa-se a Pensão-Restaurante Central, de S. Torcato.

Vária

A Orla e o Tónio

(Do Caderno de notas... incirculáveis)

2) (Continuado do n.º 351)

O mercador sorriu da quadra morta — decididamente aquela velha múmia da Ana Tragalhadaças, que é herdada de um coque humano, o mais burro dos couces, era viva enciclopédia de receitas, de histórias de frades, e de cantigas. Ainda assim, aviava a freguesia mais expedito e casmurro. Se lhe viesse um bom lavrador, a quem pudesse confiar o moço! Mas, a este e àquele, acto contínuo, suspirava defeitos, nunca dantes neles sequer imaginados... E como eram longos, arrastados, enormes, os minutos dessa manhã! Já outra vez se agitava em nervosa impaciência. Sim, porque tudo aquilo, de que era o resultado fustoso, a consequência lógica e merecida? De, na véspera à noite, já com os seus cinquenta anos bem feitos, haver saboreado e lambusadamente ingerido tamanha porção da famosa torta de massa folhada com cabidela de frango. Eis no que deram as receitas. Dões de cabeça, insónia, uma noite perdida, quasi o encontro com os dois vizinhos — soavam-lhe, ainda, aos ouvidos as lágrimas choradas da pobre mãe, no escuro da noite, junto ao berço da filhinha morta. E, logo de manhã, ainda mal a abriu a porta, duas vidas lhe caíam em casa, inocentes e já vítimas, escorraçadas, fugindo a outro coque humano — o do *Menino Bonito* — a sorte de burro, mas do homem burro, que é a vergonha dos burros, animais inteligentes e fiéis, em pleno gôso e usufruição da sua magnífica e próspera burriedade!

O *Epaminondas*, arisco e leve, em passadas de galgo, sumido como ironia no casacão amigo, passou, nesse momento, de relance, para o *Café da Villa*, dizendo-lhe apenas muito risinho e brando:

— Obrigado, Cristovíssimo! E até logo. Depois falamos, sim?

Mas, o Cristovão só encolheu os ombros: se o *Epaminondas* era assim!

Agora, a inquietação fermentava, ralava-o. Aquilo não tinha jeito. As receitas sabia-se o que tinham dado: no que estariam a dar as cantigas? E aproveitou o ensejo de ter na loja uma freguesia de confiança para galgar as escadas até ao segundo.

— Sôra Ana?

— Senhor Cristovinho?

— Quê deessa gente?

Então a Tragalhadaças chamou-o à janela da cozinha e mostrou-lhe o *Tónio*, em mangas de camisa, de sachola na mão, em trabalhos na horta, muito contente, a assobiar.

— Disse-me que não nascera para estar quieto. E é que tem jeito, o diabinho do rapaz! Já me trouxe dois cântaros de água e pensou os báculos. E' faisca. Trabalha como um jornalista.

Voltou-se, satisfeito, mais calmo.

— E a moça?

Mas deu logo com os olhos nela — e os seus olhos sorriram. Era linda, a catraia! Mas ainda tam páida e triste, coitada! Naquela idade, tam dedicada... E há tanto *Menino Bonito*...

— A moça ajudou-me a fazer as camas, a arrumar os quartos, e agora também me deita uma mão para o jantar. E' água pura, senhor Cristovinho! Pobres d'êles, o que sofreram!

— Bem, bem. Veja se arranja comida que chegue para todos, ouviu? E comida do domingo, ouviu?

Mas, ao voltar à loja — quem lhe havia de entrar por ali dentro, todo peralta? — o *Menino Bonito*.

— O cavalheiro... — principiara o outro, num sorrisinho de mofo.

— Tenho nome — retorquiu, logo, casmurro, o mercador.

— Pois seja lá qual for a sua graça, o que eu queria saber é se aqui é albergue de foragidos, ou asilo de malandros.

— Hein, hein? Sabe o que lhe digo — voltou, colérico, o Cristovão — é melhor desamparar-me imediatamente o estabelecimento.

— Ah! sim? Pois as autoridades do dirão, seu atrevido, seu malcriado, seu... seu...

Mas já o Cristovão agarrara no metro e lho descarregava, com força, pelos lombos, em descargas pendularmente metódicas.

— Ai! ai! Jesus, acudam! — gania o *Menino Bonito*.

Pararam os transeúntes, acorreram os vizinhos. O *Menino Bonito*, já no Largo, suava, e queria saber se tinha o casaco sujo...

Mal imaginava o bom do Cristovão, tam pacato, tam solitário, que não queria saber das vidas alheias, enconchado na sua loja escura e triste, os grandes trabalhos em que se metera! Uma coisa estava assente — êle ficava com o *Tónio* e com a *Orla*. E quando a primeira badalada do meio-dia vibrou na torre, fechou logo o estabelecimento, arrumou as fazendas, meteu o dinheiro à gaveta, sem contar o apuro, e tornou a galgar as escadas para anunciar a sua resolução. Além de que, na verdade, a pesar-do excesso da véspera — sentia apetite, e boa disposição.

Preparando o cadáver de sua avó para ser lançado à terra, Miarka, a cigana, cantava esta canção — «Não creias que os mortos sejam mortos! — Enquanto vivos houver — Os mortos viverão, os mortos viverem. — Quando o sol se deita, — Basta que tu feches

os olhos — Para que êle se levante, reacendo. — Levante vós a ave, vós a ave: — Mas, enquanto cruza o espaço, — A sua sombra fica na terra. — O sópro que me deste a beber — Nos teus lábios, quando partiste — Desceu em mim, está em mim. — Um outro to havia dado — Quando partiu, quando partiu. — Também eu o darei a outro. — De bôca em bôca tem andado — De bôca em bôca andará — E assim jãmais se perde. — Não creias que os mortos sejam mortos! — Enquanto vivos houver — Os mortos viverão, os mortos viverem. Esta era a canção gitana que, debaixo de chuva e através das suas lágrimas, Miarka, cantava atando os farrapos que cobriam o cadáver de sua avó.

Jean Richepin.

De uma carta de *Euclides da Cunha* a *Domício da Gama*: «Realmente, depois de tantos anos de alarmante silêncio (a carta foi escrita em Agosto de 1907), a Academia (refere-se à Academia Brasileira de Letras) fez uma coisa assombrosa: trabalhou! Trabalhou deveras durante uns três dízias de quintas-feiras agitadas — e ao cabo expeliu a sua obra extranhamente mutilada, e penso que abortida. Há ali coisas iniváveis: a exclusão sistemática do y, tão expressivo, na sua forma de âncora a ligar-nos com a civilização antiga e a eliminação completa do k, do hierático k (kapa como dizemos cabalisticamente na Algebra)... Como poderei eu, rude engenheiro, entender o quilómetro sem o k, o empertigado k, com as suas duas pernas de infatigável caminhante, e dominar distâncias? Quilómetro, recorda-me kilometro singularmente esmagado ou reduzido: alguma coisa como um relíssimo decímetro, ou grosseira polegada».

Um soneto de João da Rocha:

Onda do mar, que a levais! Tenho medo dessa inconstância com que sempre vais mostrando ao sol um arrepijo ledo e abafando no seio ânsias mortais!

Onda do mar, abrandate! Em segredo te peço que a protejas, e, se mais uma vida pretendes, eu me quedo para te dar a minha feita de ais!

Onda do mar, não devagar do pórtio para mais tempo ainda eu avistar essa figura que me deixa absorto!

Se pudesses fazê-la regressar, onda do mar? Mas não... Antes, eu, morto na esteira dela fôsse pelo mar!...

O homem humano é aquele que se consagra à causa da humanidade e se obstina contra os inimigos dela: heis de vê-lo sempre estender as mãos compassivas à virtude ultrajada e à inocência oprimida.

Onde o homem que defendeu impune os direitos da humanidade?

Robespierre.

A DIRECÇÃO DA S. M. S.

Sempre tive em elevada consideração a benemérita Sociedade Martins Sarmiento, Instituição de grande valor cultural, que muito honra a nobre cidade de Guimarães. Essa consideração torna-a extensiva às illustres pessoas que constituem a sua actual Direcção, da qual é Presidente o devotado vimaranense sr. Capitão Mário Cardoso, pessoa dotada de qualidades que eu admiro. E se hoje falo no nome de sua ex.ª, isso se deve ao facto de ter lido no último número do «Notícias» o texto de uma representação dirigida pela Direcção da S. M. S. ao Ex.º Sr. Ministro da Educação Nacional, sobre o patrono do novo Teatro, que foi inaugurado, há dias, em Guimarães, acontecimento que não me passou despercebido. Essa representação, que contém considerações que valem pela sua natureza, pela sua oportunidade e pela sua elevação, é um documento que deve merecer os mais justos aplausos dos vimaranenses e a mais cuidadosa atenção de Sua Excelência o Sr. Ministro da Educação Nacional. Como vimaranense, orgulho-me, pois, de vêr que ainda há na minha Terra quem saiba pugnar pelo cumprimento do dever da gratidão, que no caso presente é também um dever de indiscutível justiça, tanto mais tratandose de uma pessoa que pode não ser vulto nacional, mas que não é, a-pesar-disso, um nome que possa comprometer a intenção de seus filhos, inteiramente justificável, quando pensarem conseguir de seu Pai a devida autorização para baptizar o novo Teatro com o nome de «Teatro Jordão». Se a lógica continua a ser lógica

e a justiça a ser justiça, aqueles bronzes, que primitivamente foram colocados na fachada da frente do Teatro, lá devem continuar. não só com o geral agrado de todos os vimaranenses, mas ainda com o bom acolhimento das Entidades Superiores. E' por isso, que eu louvo a deliberação da illustre Direcção da S. M. S., que nessa altura já não devia estar só, visto que a mais alguém competia dar o primeiro exemplo, a quem está a desempenhar cargos que não admitem hesitações, quando se trate de satisfazer o que a própria natureza desses cargos aconselha E, de resto, pergunta-se: Se a Câmara Municipal e junta-mente os milionários, os capitalistas, os industriais, etc., não conseguiram resolver a questão do Teatro, não será justo que se faça a vontade a quem deseja perpetuar o nome da única pessoa que promove esse melhoramento?

Entendo que é justíssimo e sem prejuizo da finalidade que tem em vista o despacho do Senhor Ministro da Educação Nacional.

Zé da Aldeia.

Crónica de Vizela

Salve Vizela!... Aldeia ditosa, berço da infância, meu pátrio lar! Aella meus versos, são pobres mas gratos Não tem melodia, mas vem-te saudar

Bráulio Caldas.

A antiga Cinania romana, encastuada no vale profundo que o formoso Avizela atravessa, e, desde milénios esquecidos cavou nas encostas graníticas d'esses deleitosos montes, fica ao extremo sul da provincia do Minho, e do seu concelho de Guimarães, distando apenas 9 quilómetros da vetusta vila Araduca, berço desta Pátria que tem o nome glorioso de Portugal.

Não é de mais realçar as belezas naturais de Vizela, a excelência das suas águas, collocando-a como uma das primeiras estâncias hidrologicas não só do país como da Europa, conhecidas das remotissimas civilizações extintas. Até elas vieram em busca de alívio aos seus padecimentos, godos, celtas, suevos e mais predominantemente romanos. Os últimos, legaram-nos monumentos interessantíssimos, dos quais justo é que se destaque a «Ponte Velha», uma entre tantas das mais bem conservadas do país, salvo várias mutilações de que tem sido alvo, em tempos passados, de pouca monta material.

Hoje, Vizela, possui melhores hotéis, magníficas instalações moderníssimas, um suntuoso estabelecimento termal, amplo e higiénico. Meios de comunicação rápidos e económicos com todo o país, e, um número apreciável de fábricas que tem transformado o seu meio tacanho e pobre de outrora em remediado e progressivo actualmente.

Inicia-se hoje uma série de crónicas neste prestimoso semanário dirigido pelo preclaro e inteligente vimaranense Antonio Dias Pinto de Castro, nas quais se focará o que Vizela, centro de turismo importante, tem de notável, e do que carece no futuro e para já, fazendo ao mesmo tempo a propaganda das suas águas miraculosas.

Bem o merece a pátria de Bráulio Caldas, o grande admirador e amigo de Guimarães.

Abade de Tagilde

Uma das ruas de Vizela, ou melhor uma das suas estradas que liga esta povoação ao vizinho concelho de Felgueiras, ostenta indevidamente o nome de Avenida Miguel Bombarda. E dizemos Miguel o nome de Miguel Bombarda, sem querer nem por sombras menosprezar a memória de um illustre homem público, que muito bem ali ficaria se tal personalidade tivesse concorrido em algo para o progresso desta vila, ou para a construção dessa estrada que tem vulgarmente o nome de estrada de Tagilde. Lembram-se ainda, e muito bem, os velhos desta região, do antigo caminho accidentado e estreito que ligava esta povoação à vizinha freguesia de Salvador de Tagilde.

Ainda hoje existem lanços desse velho caminho, que a nova estrada substituiu, e pelos quais se pode avaliar da exiguidade e escabrosidade desse «carreiro», construído em tempos imemoriais, e já insuficientes ao trânsito de outrora.

Essa construção, plano e elaboração deve-se única e simplesmente ao grande homem público e arqueólogo P.º João Gomes de Oliveira que morreu «em cheiro de santidade», sendo sepultado na freguesia de Santo Amaro, onde ainda hoje se veneram os seus restos mortais.

O P.º João Gomes de Oliveira, ou como diz o vulgo «o santo Abade de Tagilde», foi na qualidade de membro da Câmara Municipal de Guimarães, quem pugnou e conseguiu a realização de tal melhoramento. Mes-

mo como admirador e amigo destas terras, nas suas desenvolvidas e interessantes obras arqueológicas, incluiu um opúsculo, no qual historiava a existência da comarca de Vizela no exiguo espaço de 50 anos, com erudição e desenvolvimento de uma inteligência rara, de um cérebro privilegiado.

São estas e não outras as razões que me levam a chamar a atenção de quem de direito, muito em especial do ex.º vereador de Vizela, para que o nome de Avenida Miguel Bombarda, que ali ficava muito bem, se não fosse ocupar o lugar dum nome, dum homenagem que cabe de direito à memória do «Abade de Tagilde», que tão amigo foi de Vizela e que tanto contribuiu para a realização dessa esplêndida estrada de tão formosas paisagens.

Que bem de-pressa seja substituída a placa da Avenida Miguel Bombarda por Avenida João Gomes de Oliveira (Abade de Tagilde), mudando a velha placa para outro local como seja a futura rua que nasce na rua Pereira Reis e vai morrer ao Chamber's, para que assim as pratedas línguas dos que tudo mais malinham fiquem inactivas, o que... mesmo assim será difícil.

Júlio Damas.

D. Maria do Carmo Dias Pinto de Castro

Ao fim de cruciantísimos e prolongados sofrimentos finou-se, com 38 anos de idade, pelas 22 horas de sexta-feira última, confortada com os Sacramentos da Igreja, a Senhora D. Maria do Carmo Dias Pinto de Castro, extrema filha da Senhora D. Maria Joaquina Pinto e do saudoso vimaranense sr. Francisco Dias de Castro, irmã da Senhora D. Maria Madalena Dias Pinto de Castro e dos nossos queridos amigos srs. Dr. Mário Dias Pinto de Castro, distinto médico e activo Delegado de Saúde, Agostinho, João e Francisco Dias Pinto de Castro e do illustre Director do nosso semanário, cunhada do sr. João Mendes Fernandes, conceituado industrial.

A morte da bondosa Senhora, que era possuidora de excelsas virtudes de coração, apesar de infelizmente esperada, pois todos a sabiam irremediavelmente perdida, não obstante os porfiados esforços da medicina e da extrema dedicação da família, causou muita consternação e pesar.

Paz à sua alma bem formada.

O funeral da inditosa Senhora realiza-se hoje, às 11 horas, na igreja de N. S. da Oliveira. A tóda a família enlutada e especialmente à mãe e irmãos da saudosa extinta, e de modo particular ao querido Director do «Notícias de Guimarães», apresentam todos os que prestam o seu concurso a este semanário as suas mais sinceras e sentidas condolências.

Nova Bandeira

Esteve em exposição na Casa das Gravatas, a nova bandeira dos alunos da Escola Técnica desta cidade, que foi adquirida por meio de subscrição feita entre todos os mesmos alunos e por iniciativa de uma Comissão de meninas que frequentam aquele estabelecimento de ensino. A bandeira, cujo desenho foi feito pelo illustre Escultor e Director da Escola — sr. António Azevedo, foi confeccionada por alunas da Oficina de Bordadora e é uma demonstração da perfeição como se ali se ensina e, ao mesmo tempo, como se aprende. De facto, temos ouvido fazer as mais lisongei-ras referências àquele trabalho, o que muito honra quem o executou e quem o orientou e que muito dignifica tam importante estabelecimento de ensino, que tantos serviços vem prestando à nossa terra.

Frio! Frio!

O melhor sortido de agasalho em PULVERS, BLUSAS e CASACOS (última moda) MALHAS interiores em lã e algodão, LUVAS, POLAINITOS. Meias de Lã, SEDA e ALGODÃO (sortido formidável) para homem, senhora e creança. Só o da Camisaria Martins a Casa das Melas.

Escola de Gondar

A sua inauguração solene

Na freguesia de S. João Baptista de Gondar, inaugurou-se, solenemente, na tarde do dia 1 do corrente a nova Escola Primária, para a qual contribuíram o Estado, a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia.

O acto inaugural revestiu-se de muito interesse, tendo tido a assistência das entidades oficiais — Presidente e vice-Presidente da Câmara e Vereador da Cultura Municipal — os quais fôram recebidos à entrada da avenida que conduz à Escola pela Junta de Freguesia, pároco da mesma, professora e alunos, muito povo e Banda de Música do Pevidém, sendo nessa altura lançadas muitas flores.

Com a assistência do núcleo da Legião Portuguesa, do Pevidém, o illustre Presidente da Câmara cortou a simbólica fita, realizando-se em seguida uma brilhante sessão solene, a que presidiu o sr. Capitão Couto, secretário pelo sr. António José Pereira de Lima e dr. Augusto Ferreira da Cunha.

Aberta a sessão, usou da palavra o sr. Presidente da Junta de Freguesia, seguindo-se-lhe o rev. Alvaro Costa, procedendo-se, depois, a uma cerimónia religiosa, finda a qual fôram levantados muitos vivas a Jesus Cristo, ao Estado Novo, etc., etc., ouvindo-se acordes musicais acompanhados em côro por crianças da escola.

Em seguida usou da palavra a distinta professora senhora D. Beatriz de Moura Vasconcelos, que proferiu um interessantíssimo discurso, do qual, pela muita falta de espaço com que lutamos, só nos é possível publicar a primeira parte.

«Teinha a honra de cumprimentar V. Ex.ª, saudando nas digníssimas autoridades presentes, o Estado Novo e os seus Chefes.

Saúdo, também, tódas as entidades que contribuem para o desenvolvimento da Educação neste concelho; e, neste particular, hoje, muito em especial ao Ex.º Sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal, benfeitor nesta terra —, demonstrou bem, quanto à sua elevada inteligência e ao seu bondoso coração, interessam o bem-estar e elevação moral, mental e educativa das crianças — Mocidade de hoje e Legião do Futuro.

Saúdo, finalmente e com fervor o povo de Gondar que, neste momento, vive a alegria dum desejo satisfeito. Gondar, possui hoje, uma escola! So isto, tão simples, mas tam necessário, para os que querem ver a luz — a luz da civilização, — da razão e do direito, do amor e da justiça.

Ter uma escola é ter uma herança comum para os vossos filhos; é contribuir para o Bem-Pátrio.

Por isso, eu vos saúdo.

Quis a sorte que fôsse eu a primeira orientadora que abrisse as portas desta Casa. Honra que me engrandece sobremaneira, e, mal me sentiria pois, se não erguesse também a minha voz em homenagem ao Estado Novo, pela obra que continua destacando — elevar e formar os corações dos vossos pequeninos, — dando-lhes como exemplo Carmona e Salazar; dando-lhes como templo uma escola higiénica, confortável, cheia de ar puro e de luz — da luz que deve iluminar o corpo, a inteligência e a alma.

O acto solene que vem a realizar-se, é daqueles que perdura no espírito do povo, e, marcará no gráfico da sua civilização uma subida sensível.

Ter uma escola, é possuir um facto sempre accêso a indicar-nos o verdadeiro caminho do bem.

Ter uma escola, é possuir o melhor código de direitos e de deveres que nos háo-de reger pela vida fora.

Ter uma escola é amar os nossos, por amor da Pátria e tornar esta tam nobre, que seja exemplo para a Humanidade.

Dum Portugal enfermo com um cancro de analfabetismo inglório, deve ressurgir um Portugal Renovado, em que a luz seja irramente distribuída.

Se, como aqui, em todos os cantos de Portugal, se abrissem escolas, já hoje poderíamos deixar de, com má-gua, nos referir a tal infortúnio pátrio.

E' pelo grau de instrução que se avalia o progresso dum Povo; e, se assim é, só com a abertura de novas oficinas nos encaminharemos para a paridade de outras Nações.

Portanto, a Escola Primária é o penhor de todos os povos civilizados.

Na Escola de hoje, vive Cristo — que ali vêdes representado, — como exemplo e como doutrina.

O Cristo que na armadura de Afonso Henriques serviu as lutas da nossa Independência.

O Cristo que nas mãos bondosas de Santa Isabel, transformou o pão em rosas.

O Cristo que soprou a virtude e o ardor guerreiro a D. Nuno de Santa Maria — Padroeiro da Mocidade Portuguesa.

O Cristo que na frente dos nossos galeões, levou a fé e a civilização a povos desconhecidos.

O Cristo que caminha a par da nossa História e vem até aos nossos dias com o mesmo paternal amor, que, na Escola nos permite rezar devotadamente as glórias da Pátria de mistura com as orações a Deus.

A Escola de hoje, não instrui, edu-

ca a inteligência e forma um carácter.

Aqui, fica, pois, o vosso segundo templo que vos merecerá o respeito e amor que lhe compete. Assim o fareis para vosso orgulho.

Hoje, 1.º de Dezembro, data histórica, foi bem escolhida para o acto inaugural.

Este ficará entre o povo desta terra como um dia de felicidade; aquele merecerá-nos especial menção, ao qual me vou referir em breves palavras.

Foi muito ovacionada no final do seu trabalho.

Em seguida o sr. António José Pereira de Lima levantou-se para agradecer as manifestações de que vinha sendo alvo.

Depois tomou o uso da palavra o sr. dr. Augusto Cunha, na sua qualidade de Vereador Municipal, que aludiu com brilho ao acto que ali o levava.

Encerrou a sessão, por entre muitas palmas e vivas, o sr. Capitão Couto.

Noutra dependência da Escola foi, pela respectiva Junta de Freguesia, composta pelos srs. José Maria Baptista Bourbon Sampaio, Lino Coelho de Abreu Barroso e Alfredo da Costa Vaz Vieira, oferecido um primoroso *Copo de Agua* às entidades oficiais e demais convidados, sendo nessa altura descerrado o retrato do grande amigo daquela freguesia, sr. António José Pereira de Lima, como prova da alta conta em que sua ex.ª é tido pelos habitantes de Gondar, os quais não se cansaram de lhe manifestar a sua simpatia e o seu profundo reconhecimento. E pelo muito que sua ex.ª lhes tem feito, bem o mereceu.

Neste acto usaram da palavra os srs. A. L. de Carvalho, P.º Artur Fernandes Guimarães, Jerónimo Sampaio, Capitão Couto e a distinta professora primária, que receberam muitos aplausos.

Depois, pelo sr. Presidente da Câmara, fôram redigidos os seguintes telegramas que fôram enviados para Lisboa:

«Ex.º Sr. Presidente do Conselho. Câmara Municipal Guimarães, Junta Freguesia Gondar, reunião de todos habitantes desta freguesia para inauguração novo edificio escolar saúdam V. Ex.ª, agradecendo tão importante melhoramento que somente Estado Novo pôde realizar-se.

O Presidente da Câmara, José Maria Magalhães Couto».

«Ex.º Sr. Ministro da Educação Nacional.

Na inauguração edificio escolar Gondar, concelho de Guimarães, com presença autoridades, Municipio, Legião, povo, felicito V. Ex.ª chefe supremo ensino educação pública.

O Presidente da Câmara, José Maria Magalhães Couto».

DESPORTO

Campeonato Distrital

Resultado negativo

Contra tóda a expectativa, o Sporting Club de Fafe no desafio realizado no passado domingo no Benlhevai, em que teve como antagonista o Vitória, desta cidade, chegou ao fim do tempo regulamentar empatado por 0 o.

Contribuiu para este resultado a má actuação dos dianteiros do Vitória e o denódo com que lutou a extrema defesa fafense, a qual teve períodos de brilhantismo.

O Vitória, apesar de tudo, merecia o triunfo que o azar sempre se recusou em conferir-lhe, pois exerceu domínio sobre o seu adversário.

A linha média dos campeões ressentiu-se da falta de Zeferino, castigado numa altura em que o *team* mais precisava do seu concurso.

Que a *macaca* deixe de perseguir-nos...

Com o resultado deste encontro o Vitória e o Sporting de Fafe continuam à cabeça do Campeonato com igualdade de pontos.

A quem caberá o triunfo final?

A Convite da Associação Académica de Coimbra o *team* de honra do Vitória deslocouse, na quarta-feira, a Coimbra, onde fez exhibição de molde a confirmar o valor que possui.

Ganharam os académicos por 4 1, resultado que não mereceram, segundo nos afirmam.

Belgateur.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

COMPANHIA DE REVISTAS BEATRIZ COSTA

No próximo dia 7 vem a Guimarães ao Teatro Martins Sarmiento a Grande Companhia de Revistas Beatriz Costa...

A Grande Companhia de Revistas Beatriz Costa é o maior e mais completo agrupamento de revistas até hoje organizado em Portugal...

O famoso Trio Bailarino - Trio «Lantos» e o bracarense Zé Manel - o Rei do Cavaquinho...

Cinema

No Teatro Martins Sarmiento, exhibe-se, hoje, dia 4, o filme «Os pecados de Teodora»...

Mataduras

Que foi? Que se passa?

Parece que nada, simplesmente graça.

Nada de anormal, só há gargalhada ali no Toural.

Até rindo, há gente sempre perigosa, que diz, de contente: Como o povo gosa!

MARY COTTA.

Novo colaborador

Com o pseudónimo de Júlio Damas, inicia hoje, neste jornal, uma série de crónicas de Vizela...

Aquelas árvores!

Desta vez, a maldita machada passou, ultimamente, pela Avenida Cândido dos Reis...

da cidade

Boletim Elegante

Casamento No passado dia 27 de Novembro realizou-se em Lisboa, após a cerimónia civil...

Pelo nosso amigo sr. Manuel Alves Machado, foi há dias pedida em casamento para o sr. António Teixeira de Sousa...

Pedidos de casamento Pelo nosso amigo sr. Manuel Alves Machado, foi há dias pedida em casamento para o sr. António Teixeira de Sousa...

O NOTÍCIAS DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Secção: - Silva Bastos, Torrinhã, Ligorino, João de Deus, Povo, Sinónimos de Bandeira e Fonseca e Roquete.

Resultados do n.º 12-1.ª Série

PRODUTORES: Quadro de distinção

Doralvas (12 votos)

Outras votações: - Quico, 9 votos; Mariló, 5 v.; Pacatão, 4 v.; Délia, Oteblo, Paul Muni e Reirobi, 1 v. cada.

DECIFRADORES: Quadro de Honra (Pontos a decifrar: 15)

Délia, Morenita, A'dê, Agnus Matutus, A. L. C., Biscaro, Copofónico, Don Zé Franuli, Doralvas, Dropê, Dr. X., Erbelo, José do Canto, Mata-tudo, Oteblo, Pacatão, Paul Muni, Pescarias, Psolo, Quico, Rei Viola, Rotie, Siulno, Vaniloquo, X-8 e X-9.

Quadro de Mérito

Palmira Ferreira, Alvarinho, Eusapesca, M. A. P. M. e Mora-Rei, 14; Arminho, P. de Inkin e Reirobi, 12.

Soluções 1 - Felicidade; 2 - toga-gado = togado; 3 - cava-vaca = cavaca; 4 - coro-roca = coroca; 5 - empolado; 6 - maviosamente; 7 - amor; 8 - táliro; 9 - veneras-veras; 10 - ópera-ora; 11 - latido-lado; 12 - risota-Rita; 13 - chupeta - chuta; 14 - cuquenha-cunha; 15 - cutuba-cuba.

2.ª Série Charadismo N.º 3

Sincopadas (Com simpatia, ás ilustres confrades Vimaraneses)

1) «Mulher» o teu meigo encanto Cheio de amor e pureza E' um grande hino de louvor A' linda Pátria Portuguesa. - 3-2.

2) No incullo é que está o lucro. - 3-2. Pôrto. Don Zé Franuli.

3) Quando fui para militar, meu patrão gratificou-me com um mês de salário. - 3-2. Lisboa. Dropê (T. E. e G. X.)

4) Malcreado: tu só mereces repressão. - 3-2. Lisboa. Erbelo (T. E. e G. X.)

5) As aragens da noite trazem-me aos ouvidos o melodioso cantar dos rouxinóis. - 3-2. Guimarães. Oteblo.

6) Amigo: os confrades do «Edipista» saudam-no pelo seu aniversário. - 3-2. Guimarães. P. de Inkin.

Incêndio

Pouco depois das 12 horas de segunda-feira, manifestou-se incêndio numa casa da rua de Francisco Agra, habitada pelo operário José Sampaio.

Festas Nicolinas

Com o cortejo do «Pinheiro» iniciaram-se na terça-feira á noite as tradicionais festas nicolinas. Aquele cortejo, que deu entrada ás 11 horas da noite, decorreu com muito brilho e foi presenciado por muitas centenas de pessoas.

Ceia dos Velhos

Comemorando as antiqúissimas festas nicolinas e a exemplo dos últimos anos, deve realizar-se amanhã uma ceia dos estudantes velhos que promete decorrer no meio do maior entusiasmo.

Inauguração duma Cantina

Por iniciativa do benemérito Dr. Ferreira Marques, residente em Lisboa, deve ser inaugurada brevemente, na freguesia de S. Martinho de Sande, uma Cantina Escolar que fornecerá diariamente 70 sopas a igual

7) A confusão termina sempre pelo uso da matraca. - 3-2. Guimarães. Zê Faria

8) Criado velho, pessoa vagarosa. - 2. Lisboa. Copofónico (G. X.)

9) O macaco também come pão. - 2. Lisboa. Paul Muni (T. E.)

10) Lavre a terra, porque chegamos á época das sementeiras. - 2. Guimarães. Arminho.

11) O brilhar duns olhos bonitos faz surgir os apaixonados. - 2. Guimarães. Satan (T. D.)

12) Este «fruto» tem essência. - 3 Caneiros. Odracir.

Novíssimas (A todos os confrades Vimaraneses)

13) A esfera em que vivo, difere muito da do mentiroso. - 2-2. Lisboa. Agnus Matutus (G. X.)

(Felicitando os confrades Vimaraneses, pelo grande melhoramento)

14) Todo o povo goza feliz existência. Guimarães, tem enfim, um Teatro! - 2-2. Pôrto. A. L. C.

15) Entrei lá na taverna, porque me levaram ao engano. - 2-3. Guimarães. Mata-tudo.

Sorteio

Don Zé Franuli, Doralvas, Dr. X., José do Canto, Mata-tudo e Quico são totalistas da 1.ª série. Por esta ordem, cabem a cada um, 1.500 números. Serão campeão e vice-campeão de decifradores, os totalistas que possuam os números correspondentes aos 1.º e 2.º prêmios da lotaria de 10 do corrente. No caso do número do 2.º prémio ser abrangido pelos n.ºs do 1.º, será apurado o possuidor do número correspondente ao 3.º e ainda no caso de empate, será então classificado o possuidor do número mais próximo do 2.º prémio.

Prémio

O prezado confrade Doralvas teve a gentileza de nos oferecer a valiosa obra «Almas do Purgatório», da autoria do ilustre escritor vimaranense Dr. Eduardo de Almeida, que será entregue ao Campeão de Produtores. Os nossos agradecimentos.

Correio da Secção

Mariló: - Em que dicionário é verificável a sincopada que enviou? Oteblo: - Onde é verificável o sinónimo de bêbedo da sua sincopada? Feijão Galego: - Seja benvindo. Mande outras charadas e de bom grado as publicarei. Cumprimentos.

Sabrigaita: - Já seguiram os jornais. De futuro, é conveniente só enviar charadas verificáveis nos dicionários aqui adoptados. Seja benvindo. Cumprimentos extensivos aos restantes componentes da A. C. I.

Olegna: - Nas listas de soluções deve ser sempre destacada a produção mais perfeita. Cumprimentos. Rei do Orco: - Idem.

Dr. Carlos Saraiva

Foi nomeado médico efectivo do Hospital da V. O. T. de S. Domingos, o nosso querido amigo e distinto clínico vimaranense, sr. Dr. Carlos Saraiva, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Associação Artística

O Sorteio da Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaraneses, que se havia de realizar no dia 10 do corrente mês, pela lotaria da Santa Casa da Misericórdia, fica adiado para o dia 6 de Maio de 1939, pela mesma lotaria.

Câmara Municipal

Sessão de 25 - A Câmara, em sua sessão de ontem, deliberou: Vender em hasta pública 102 metros de canos usados que, de Vizela conduziam a água ao Hospital, por desnecessários aos usos Municipais, sob a base de licitação de 2\$30, cada metro; Encarregar o mestre de obras, sr. Sebastião de Freitas, do acabamento de cal grossa e preparação para azulejo de todos os tectos e paredes das retretes e mictórios do Largo do Trovador, desta cidade; Oficiar á Direcção Geral de Saúde Pública para que informe qual o material que poderia fornecer para instalação de um balneário e posto de despolpimento, nas condições convenientes; Fornecer diverso material á Escola Feminina da freguesia de Caldelas e aos Postos de Ensino de S. Tiago de Cadoso e

O NATAL dos nossos pobrezinhos

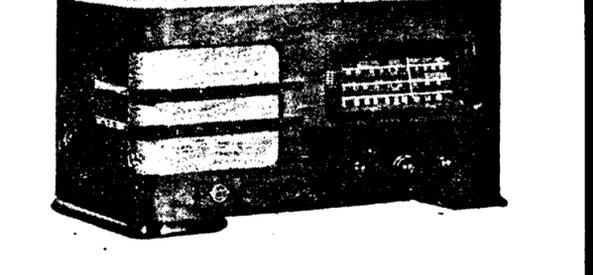
NATAL!: Está á porta o grande dia da Humanidade - aquêlê grande Dia que o Mundo viu nascer, na suprema Beleza duma Esperança, cheia de Redenção - que havia de tornar os Homens mais irmãos pelo espírito e pelo amor. Filhos de Deus - os homens esqueceram depressa as Promessas de Jesus, e os seus ensinamentos e exemplos de Fraternidade e Caridade, ainda hoje - passados 1938 anos - são recordados pelos pobrezinhos de alma lavada e simples como as almas das crianças... E' que os Pobres trazem, no seu magnífico coração, o Evangelho Crístão: cumprem-no e rezam-no numa contemplação bendita que sobe do seu pensamento até ao Céu...

Todos devem procurar fazer como os pobres - praticá-lo: os nossos queridos leitores, a exemplo dos outros anos, vão - disso temos a doce certeza - concorrer para minorar um pouco a sorte dos desgraçados - contribuindo com um óbulo, por mais pequeno que seja, para a Noite da Grande Ceia, em que Ricos e Pobres se reúnem em Santa Comunhão de Família.

Está aberta a nossa subscrição!

Notícias de Guimarães 100\$00

NATAL DE 1938



Um receptor T. S. F. R. C. A. da Thomson General Portuguesa, constitue um esplêndido brinde para a quadra do Natal.

A Família só poderá considerar-se inteiramente feliz conseguindo a aquisição de um aparelho de rádio que a ponha em contacto com o mundo.

A satisfação deste desejo obter-se-á desde que esclarecimentos sejam pedidos na casa W. Bourbon do Amara, sita á Rua de Santo António, 53.

A sorte é factor a considerar, e todos beneficiarão dela uma vez que a tentem.

FRASES ALHEIAS

- Só o número é real. Pitágoras
A tendência do ser humano é defender a sua personalidade. Nicolle
A compaixão que acompanha a esmola é dom maior do que mesmo a esmola. Flécher
Não é pelos louvores, é pela imitação que devemos honrar os grandes mortos. Tácito
A imaginação das mulheres requere frequentemente mais freio do que esporas. E' uma filha indócil que se deve vigiar com cuidado para que não faça travessuras. Chanon
Para fazer fortuna, não é espírito que se precisa ter; é delicadeza que se precisa não ter. Talleyrand

Casa VENDE-SE uma na Praça de D. Afonso Henriques com frente para a rua da República. Nesta redacção se informa. (197)

Agência nos Açores

Escreve-se «Éagle», lê-se «Igle» e significa a melhor marca do mercado português.

Gabardines-Sobretudos-Capotes da Legião.

Representante exclusivo nesta cidade: Loja das Camisas

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos. Camisaria Martins

PAULINO DE MAGALHÃIS GUIMARÃIS

Participa aos Ex.^{mos} fregueses que já receberam as últimas novidades para a estação de inverno:

Fazendas de lã para casacos e vestidos — padrões de grande novidade e cores da moda.

Veludos, Peluches caraculos e peles para golas e guarnições.

O maior sortido em malhas para senhora, homem e criança — modelos exclusivos.

Camisolas, coturnos, meias de lã, seda e algodão e tódas as miudezas.

Deposítário da acreditada lã em fio FRASQUITA e BEM-ME-QUERES e outras qualidades.

Comprar nesta Casa é ter a certeza de ser bem servido.

TELEFONE 230 -- junto à igreja de S. Pedro.

BRASIL Secção de Procuradoria da Casa Bancária CUPERTINO DE MIRANDA & C.^a SÉDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotecas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

ATENÇÃO!!

A *Cervejaria Vitória*, mais conhecida por *Pastelaria Vitória*, apresenta hoje um fino sortido de saborosos pastéis. Recomenda, por isso, à sua numerosa e estimada clientela, uma visita.

A *Cervejaria Vitória*, da Rua de Paio Galvão (no Mercado Municipal), encarrega-se de serviços para baptizados e casamentos, etc.

O seu proprietário agradece a preferência.

LÊDE E ASSINA! O NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Dos Livros. Dos Jornais.

«Humanidade» — Salu o n.º 86 — SUMARIO: — «Consciência Colonial», por Afonso Correia; «Saúdação à Imprensa Colonial» — «O Problema do Trigo em Angola», pelo eng.º Carvalho de Almeida; «Documentário» (Os Stradivarius e o mendigo), pelo dr. António Aurélio Gonçalves; «Uma Festa Portuguesa» (página gráfica), «Actualidades Gráficas» (repositório fotográfico da Semana), Concursos de «Humanidade» — «Cinema», (Branca de Neve e os sete anões) — por Mota da Costa; «O Momento Teatral» — «Impressões» — «A Valorização Agrícola da Ilha do Fogo», pelo dr. Simão de Barros; «Colónias Estrangeiras», «Crónica Musical, por Francine Benoit; «Crónica da Semana», por Mário Domingues; «Temas de hoje», por Mercedes Blasco; «Crítica Literária» — «Conhecimentos médicos», pelo dr. Celestino Gomes; «Alfredo de Almeida o extraordinário caçador da selva», por João Dias dos Santos; «A Guerra Química», por F. C.; «Filatelia» — «Xadrez» — «Damas» — «Desportos» — (página) «Vida Metropolitana» — «Vida Ultramarina».

Chegou o Inverno

Calçado de agasalho. Enorme sortido. Sapatos de feltro em sola com salto a 17\$00. Ditos de bom agasalho a 7\$50. Galochas, botas altas para homem, senhora e criança. Vejam o nosso sortido.

Vejam os nossos preços. Só na **Camisaria Martins** A CASA DAS MEIAS

Alfaiataria com Fazendas RIBEIRO, FILHO

LARGO JOÃO FRANCO

O seu proprietário participa aos seus Ex.^{mos} Clientes que tem continuado a receber artigos da mais alta novidade para a estação de Inverno. Sempre os mais modernos padrões e os melhores preços!

Bom emprégo de capital

Vende-se um prédio de 2 andares, numa das artérias da Cidade, dando o juro de 13% ao ano. Falar na Redacção deste jornal, onde se dão esclarecimentos.

ANÚNCIO

En, abaixo assinado, Manuel de Sousa, industrial, da Rua da Arcela, desta cidade de Guimarães, toruo

público que, por escritura de 8 de Outubro do corrente ano, exarada pelo notário Dr. Francisco Moreira Sampaio, foi, entre mim e o sr. Luciano Barbosa de Oliveira, da mesma rua, dissolvida a firma «Viúva de José Pinheiro da Costa & Sousa, L.^{da}», com séde na referida rua, tendo-me sido adjudicado todo o passivo e activo da dissolvida firma.

A marca da fábrica «Arcelinha», só por mim pode ser usada, visto que fiz o seu registo em meu nome individual.

Guimarães, 8 de Novembro de 1938. Manuel de Sousa.

Anunciai no «Noticias de Guimarães» e fareis uma boa propaganda.

Lêde e propagal o «Noticias de Guimarães»

Casa e garagem

Servindo de habitação e garagem a motorista que tenha carro na praça. Também se aluga a particular. Rua da Liberdade, 68.

V. Ex.^a precisa comprar panos para casaco?...

Não pense mais!...

Nos **ARMAZENS DA CAPELA** encontra o melhor e mais completo sortido, em padrões de novidade e dos mais finos gostos aos melhores preços. ENVIAM-SE AMOSTRAS

ARMAZENS DA CAPELA
70, Carmelitas, 76-PORTO

FALA O TELEFONE 64

Benjamim de Matos & C.^a L.^{da} Toural GUIMARÃIS

FAZENDAS BRANCAS, MODAS, MALHAS, MEIAS e MIUDEZAS

Participamos que já recebemos o colossal sortido para Inverno -- As ÚLTIMAS NOVIDADES.

Tecidos de lã para Vestidos, desde 10\$00 o metro. Tecidos de lã para Casacos, desde 25\$00 o metro. Todos os tecidos são de pura lã, cores garantidas e Padrões de grande Novidade. Casacos, Blusas e Polowers de Malha, Edredons, Veludos, Peluches CHALES de lã e de seda em tódas as qualidades. Lãs em fio, em meadas e novêlos, qualidades e cores garantidas.

Fazendas Brancas: Panos para Lenços em Algodão e de Linho, Cobertores, Colchas em algodão e de seda, Flanelas, Guarda-chuvas de seda e de algodão, Tapetes e Carpetes, Peles de várias qualidades para golas e guarnições.

Comprar nesta Casa é ter a certeza de adquirir bons artigos, modernos, e aos menores PREÇOS DO MERCADO.

PELES DESDE 5\$00

EXPOSIÇÕES AOS DOMINGOS

do conzelho

Pevidém, 1

Faleceu no dia 25 de Novembro, na freguesia de S. Jorge de Selho a Sr.^a D. Maria Ribeiro da Cunha, mãe dos nossos amigos srs. Joaquim, Manuel e António Ribeiro da Cunha, e avó do sr. Manuel, José e Alberto Gonçalves da Cunha.

O seu funeral que esteve bastante concorrido, assistiram não só pessoas

de família, como também do Pôrto, Felgueiras, Braga e Guimarães.

A família dorida apresentamos as nossas condolências.

— São já passadas algumas semanas que a criança da Escola Oficial de S. Jorge de Selho estão sem professora. Pedimos a quem de direito para que sem perla de tempo ali seja colocada uma nova professora.

— Em S. Martinho de Cantoso, no lugar da Ponte de Souto, está uma fonte pública que tem o seu depósito de água, no dito lugar. Reparámos na educação de algumas pessoas que se servem do referido depósito para lavar o rosto e os pés, deixando a água toda suja que já se tem visto diversas

vezes, e como isto é uma grande falta de limpeza, pedimos a quem de direito para que proibam tal abuso. — C.

S. Romão de Mesão-Frio 2

Com 67 anos de idade, faleceu, na passada segunda-feira, o Sr. Bento d'Oliveira, estremecido pai do nosso dedicado amigo sr. António d'Oliveira, do lugar do Regueiro.

A sua morte, apesar de esperada, foi muito sentida, mormente pelas pessoas de suas relações. O funeral realizou-se na tarde do dia seguinte, sendo o seu cadáver acompanhado por inúmeros amigos, desde a sua residência até ao cemitério paroquial onde ficou sepultado para todo o sempre.

A toda a família enlutada apresentamos os nossos mais sentidos pésames.

— Há já uns três ou quatro anos que o largo e lugar do Cruzeiro se encontram intransitáveis desde que principia o inverno. O seu estado como não a quem lá passa, devido à lamacise. Um caminho assim tam movimentado merece reparo por quem de direito. Por isso é preciso que o Sr. Presidente da Junta se entenda com

as entidades superiores a fim de obterem tam justo reparo. E' a primeira vez que o chamo a atenção para assuntos desta natureza: espero, por isso mesmo, que dentro em breve todos os transeuntes passarão à vontade sem que seja preciso pegar neles ao colo.

— O 1.º de Dezembro foi comemorado solenemente na escola primária desta freguesia. A' sessão solene usaram da palavra a Ex.^{ma} Sr.^a D. Julieta Pereira da Silva, muito digna e inteligente professora da mesma escola e o Rev. P.^o João d'Oliveira, incansável obreiro e pastor da igreja, que a convite do Sr. Professor presidiu à festa.

No final da sessão realizou-se o sorteio em beneficio da caixa escolar desta freguesia que há já dois anos se tinha dado infcio. Foram premiados os n.ºs 649 e 558. Em seguida as crianças dirigiram-se para o recreio onde lhes foi oferecido um magusto pela Comissão Administrativa da Junta, decorrendo na melhor ordem e cheio de

animação infantil.

Urgeztes, 2.

Consoceioun-se, ante-ontem, na igreja paroquial desta freguesia, a Sr.^a D. Rosa Marinha Mendes Ribeiro, filha do nosso amigo sr. José Mendes Ribeiro e de sua esposa a sr.^a D. Josefa Delfina Pereira, com o sr. Emídio Augusto Marques, comerciante na cidade do Pôrto.

Os noivos, após a cerimónia religiosa, seguiram em viagem de núpcias.

Aos noivos, desejamos-lhes muitas felicidades.

Alex.